

Ressignificações na Arte: elementos da cultura indígena Kaingang

*New meanings in art: elements of indigenous
Kaingang culture*

JANAINA SCHVAMBACH* & MARIA DE SOUZA**

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio 2016.

*Brasil, professora universitária e artista visual. Licenciada em Artes: habilitação em Desenho e Computação Gráfica e mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, ambas pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

AFILIAÇÃO: Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Área de Ciências Sociais Aplicadas, Curso de Comunicação Social. Av. Afílio Fontana — 591 — E Bairro Efapi CEP 89.809-000. Chapecó — Santa Catarina — Brasil. E-mail: artejanaina@unochapeco.edu.br

**Brasil, professora e artista visual. Licenciatura em Arte Visuais. Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

AFILIAÇÃO: Escola de Educação Básica Professora Irene Stonoga. Rua Marechal Deodoro, nº 1310, Bairro Maria Goretti CEP 89.807-300 Chapecó — Santa Catarina — Brasil. E-mail: marialuzia@unochapeco.edu.br

Resumo: O relato apresenta reflexões acerca da oficina realizada com alunos indígenas da rede estadual de ensino, situada no município de Ipuacu/SC/Brasil, desenvolvidas através do Programa PIBID. A proposta surgiu com o intuito de resgatar as brincadeiras do cotidiano Kaingang e visou a pintura das paredes da brinquedoteca; tiveram como suporte livros, obras de artistas nacionais e pesquisa na comunidade.

Palavras chave: Arte Indígena / Arte / Kaingang.

Abstract: *This experience reports reflections on the art experiment taken with indigenous students from state school in the city of Ipuacu/SC/Brazil, developed by the Program "PIBID". The suggestion aimed to retrieve the Kaingang kids daily play and finished by painting on the toy library walls; they did it based on books, on art works from Brazilian artists and on community research.*

Keywords: *Indigenous art / Art / Kaingang.*

Introdução

A presente oficina foi realizada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência — PIBID, mantido pelo Ministério da Educação e gerenciado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O programa atua no curso de Artes Visuais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó — Unochapecó desde o ano de 2014 com o objetivo de proporcionar aos estudantes de licenciatura maior inserção no ambiente escolar e promover experiência docente. A oficina desenvolveu-se na Escola Indígena de Ensino Fundamental Pinhalzinho na Terra Indígena Xaçepó, Ipuacú/SC/Brasil, região habitada por indígenas e caboclos e posteriormente, por volta de 1910 colonizada pelas etnias de italianos, alemães e poloneses em sua maioria.

A proposta surgiu através de um projeto articulado pelo curso de Pedagogia que visava a construção de uma brinquedoteca com objetivo de resgatar o histórico das brincadeiras do povo Kaingang, o grupo de bolsistas foi convidado a ministrar uma oficina que resultaria na pintura das paredes que dão acesso a brinquedoteca.

Com base em Barbosa (2009; 2002), Ferraz & Fusari (1993), bem como RC-NEI (Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998), a oficina dividiu-se em três etapas, o primeiro momento teve o objetivo de conhecer o espaço e os estudantes. Após o reconhecimento e primeiro diálogo, foram desenvolvidas atividades de estudo sobre as obras que fazem referências às brincadeiras infantis de Candido Portinari. A partir da leitura de imagens, as reflexões foram direcionadas para a história e o cotidiano da aldeia, bem como a produção de esboços para a confecção de pinturas murais.

No segundo momento, utilizou-se o livro “Joaquim Toco e Amigos na Terra do Gãr: Crônicas do cotidiano Kaingang” de Hilda Beatriz Dmitruk e Leonel Piovezana (2015), que apresenta histórias do povo Kaingang do Oeste Catarinense como uma fábula. De forma interativa e com participação dos estudantes, a leitura do livro promoveu espaços de diálogos acerca de suas realidades e sua cultura.

Por fim, o terceiro momento, contou com o início das práticas, que resultaram em quatro pinturas murais de aproximadamente dois metros cada, que retratam através do desenho e da pintura traços de uma ressignificação da memória indígena.

1. A cultura Kaingang no Oeste catarinense e o processo educacional

Diversas são as realidades dos povos indígenas na região Oeste de Santa Catarina, dentre eles uma das culturas mais presentes é a Kaingang. Segundo Nötzold (2015) a população Kaingang se localiza principalmente no Oeste Catarinense,

representa um dos maiores povos indígenas do Brasil. Ainda segundo a autora, o uso da língua apresenta-se com intensidades diferenciadas em cada aldeia. Na escola a qual se aborda o presente relato, a língua materna é ensinada por um professor indígena, porém percebeu-se que os estudantes dominam muito mais a língua portuguesa do que a Kaingang sendo esta uma “segunda” opção:

A língua Kaingang pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, inserida na família Jê, originária do Centro Oeste brasileiro. A língua tradicional dos Kaingang está sub-dividida e classificada em cinco dialetos, tendo como divisor geográfico os grandes rios presentes em seu território de ocupação: Tietê-Paranapanema em São Paulo, Paranapanema-Iguaçu no Paraná, Iguaçu-Uruguaí no Paraná e em Santa Catarina, Rio Uruguaí-Passo Fundo no Rio Grande do Sul e, ainda, Rio Uruguaí-Passo Fundo novamente, mas pela margem direita do rio Passo Fundo. (Brighenti apud Nötzold, 2015: 24).

Ainda em Nötzold (2015), um dos fatores que causam esse desconhecimento da própria língua, está associado ao fato de ter ocorrido uma certa coibição de que os indígenas falassem a língua materna. Onde os próprios caciques impediam que os indígenas falassem a língua nas escolas, por acreditar que para se ter uma escola deveriam falar a língua portuguesa. Nesse sentido, o RCNEI (Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998:27) comenta que:

O Estado brasileiro “pensava uma escola para índios” que tornasse possível a sua homogeneização. A escola deveria transmitir os conhecimentos valorizados pela sociedade européia. Nesse modelo, as línguas indígenas, quando consideradas, deviam servir apenas de tradução e como meio para tornar mais fácil a aprendizagem da língua portuguesa e de conteúdos valorizados pela cultura “nacional”.

Outra característica, presente na comunidade indígena é carência em relação às condições financeiras da maioria das famílias, este fator permeia as aldeias por motivos que percorrem desde o início da colonização, onde os indígenas foram afastados não só de suas terras, mas também de sua cultura, de suas raízes. “Soma-se a isso uma forma peculiar de violência étnica: as dúvidas constantemente levantadas sobre o fato de serem esses habitantes realmente índios, já que diferem em muito daquele ideal de ‘índio amazônico’ (Lisboa, 2010:164). O que podemos perceber nas escolas é esta falta de identificação consigo mesmo e a dificuldade de expressar sua própria cultura.

Porém percebe-se uma preocupação tanto de indígenas quanto de não-indígenas por reaver as terras, revitalizar e fortalecer essas culturas, “a terra para os povos indígenas, e entre eles o povo Kaingang, é fonte de vida. É que

manteve seus ancestrais e que os mantém até hoje.” (Benvenuti, Bergamaschi & Marques 2013:58). Assim, acredita-se que os indígenas tenham característica próprias, mas não deixem de interagir e conviver com os não-indígenas o que os fortalece ainda mais, pois possibilita o acesso em todos os âmbitos sociais, culturais, econômicos e educacionais.

Um fator muito importante, é a construção de escolas indígenas dentro das aldeias, pois facilita o acesso das crianças à escola e pode proporcionar futuramente a entrada dos mesmos nas universidades. Segundo o RCNEI (Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998:24), “é um dos lugares onde a relação entre os conhecimentos próprios e os conhecimentos das demais culturas deve se articular, constituindo uma possibilidade de informação e divulgação para a sociedade nacional de saberes e valores importantes até então desconhecidos desta.” Essa busca está presente tanto em relação ao povo Kaingang, quanto as entidades públicas de ensino que aos poucos vem tentando aperfeiçoar a educação indígena. A Proposta Curricular de Santa Catarina traz em seus argumentos relacionados à educação escolar indígena maior preocupação em “como selecionar, organizar e tratar os conhecimentos a partir da perspectiva da escola indígena. Crê-se ser possível, a partir dos princípios de interculturalidade, bilinguismo, especificidade e diferença apontar algumas possibilidades para um currículo” (Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto, 1998:92). Embora ainda se peque muito em relação à educação indígena é possível perceber avanços neste aspecto que podem propiciar futuramente novas concepções de ensino.

Um dos fortes objetivos do ensino voltado para esses povos é valorizar sua diversidade cultural para que não se percam características fundamentais como o grafismo. E é na escola que se encontram as diversas maneiras de abordar e enfatizar questões relacionadas à cultura de um povo, por isso este ambiente se faz de extrema relevância nas aldeias indígenas, onde aprendem sobre o mundo que os cerca e revitalizam sua comunidade.

2. Reflexões acerca das práticas desenvolvidas

A oficina foi ministrada para um grupo de 52 estudantes, divididos entre 3º, 5º e 8º ano do Ensino Fundamental. Partindo de três eixos, construídos a partir da Abordagem Triangular de Barbosa (2009), que envolve: leitura de imagem, contextualização do tema e práticas artísticas, promovendo aos estudantes uma reflexão diferenciada acerca de suas vivências a partir do ensino em artes.

Na primeira etapa, foi apresentado um breve estudo sobre a vida e obra de Candido Portinari, abordando a partir da leitura de imagem, as obras que

compõem a série brincadeiras: Palhacinhos na Gangorra (1957) (Figura 1), Futebol (1935), Meninos Pulando Carniça (1957), Meninos Soltando Pipas (1941), dentre muitas outras que representam a infância do artista nas fazendas de Brodowski — São Paulo. O objetivo desta etapa foi sensibilizar os estudantes de como representar as brincadeiras infantis, como contar memórias através de pinturas, pois “se preparamos as crianças para lerem imagens produzidas por artistas, as estamos preparando para ler as imagens que as cercam em seu meio ambiente” (Barbosa, 2009:22). Assim, foram propostas reflexões sobre o cotidiano dos estudantes na aldeia e fora dela.

As obras abordadas apresentam a temática das brincadeiras antigas, as quais foram relacionadas com a historicidade Kaingang, pois, conforme Ramos (1988:91) os povos indígenas da região oeste catarinense, em virtude do afastamento cultural que houve devido o processo de colonização, consolidam o engajamento em resgatar em formato de pesquisa, debates e produção visual, acerca de seus modos, visualidades, atitudes para com a vida, a sociedade e o mundo.

O resgate às brincadeiras antigas retoma junto aos estudantes a sua própria história que às vezes se torna desconhecida, fato que se percebeu ao levar as discussões ao grupo. Com isto, notou-se que os mesmos possuíam dificuldades em falar de sua cultura quando eram instigados a relacionar as obras do artista e seu cotidiano, com as brincadeiras que vivenciavam.

Posteriormente, deu-se início à segunda etapa da oficina, onde dividiu-se a turma de estudantes em duas salas, para as orientações a respeito da produção de desenhos que, seguindo a proposta do artista apresentado, retratassem o cotidiano das brincadeiras e atividades diárias de sua própria cultura/etnia, visando assim construir argumentos sobre a sua identidade.

Apresentaram-se, em sua maioria, brincadeiras que historicamente não se caracterizam como típicas e ou exclusivas da cultura indígena, como: jogos de futebol, gangorra, empinar pipa, deslizar na terra, amarelinha, balanço, carrinho, esconde-esconde, brincadeiras com animais, nadar no rio, entre outras. Esta atividade fez com que através da produção de desenhos os estudantes se expressassem, sendo possível perceber a dificuldade que tinham em mencionar sobre sua própria cultura ou mesmo, falar dos seus laços de pertencimento à etnia Kaingang.

Dentro do projeto construído pelos bolsistas apresentava-se uma ansiedade por ouvir dos estudantes sobre as riquezas de seu histórico cultural, porém, percebeu-se que os mesmos não se atentavam tanto a isso, desta forma é que compreendemos que “em cada lugar a tarefas distintas, embora ao mestre além de ensinar caiba também a tarefa de estar sempre aprendendo. O olhar curioso

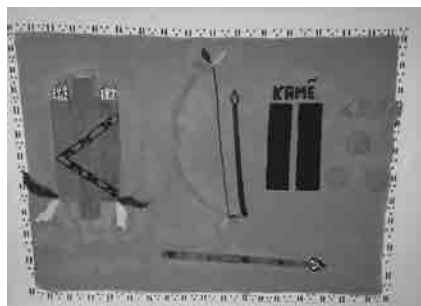


Figura 1 · Candido Portinari. *Palhacinhos na Gangora*, 1957. Óleo s/ madeira compensada, 57x65cm. Fonte: Disponível em: <http://www.portinari.org.br/>

Figura 2 · Pintura realizada pelos estudantes do 8º ano. Fonte: própria (2015).

Figura 3 · Pintura realizada pelos estudantes do 8º ano. Fonte: própria (2015).

Figura 4 · Processo da pintura com estudantes das séries iniciais. Fonte: própria (2015).

e as perguntas singulares do aprendiz que aprende também ensinam os mestres” (Barbosa, 2002:53). Neste contexto, os diálogos desenvolveram-se a partir da troca de vivências, promovendo pesquisas acerca da historicidade das brincadeiras locais.

Desta forma, para aprofundar o conteúdo e instigar os estudantes a perceber suas histórias e formas de vida, foi proposto, a construção de um diálogo lúdico, através de contação de histórias que compõem o livro “Joaquim Toco e Amigos na Terra do Gã: crônicas do cotidiano Kaingang” (Demitruck & Piovezana, 2015), que propõem, ao público infantil e adolescente, visualidades acerca do povo indígena da região oeste do estado de Santa Catarina, permitindo aos estudantes uma familiaridade ao diálogo desenvolvido pelos bolsistas com relação à suas atividades e sua própria cultura/etnia. Assim, a atividade possibilitou pensamento crítico e reflexivo a respeito do lugar onde vivem em contraponto com o lugar onde viviam seus antepassados.

Conforme a narrativa conduzida pelos bolsistas construía-se o cenário da história, enquanto os estudantes mostravam se identificar com os personagens e passavam a dialogar, acrescentando suas vivências e experiências. A todo o momento instigados a participar, despertando inúmeras discussões, envolvendo assim um maior número de estudantes nos diálogos. Percebeu-se dessa forma, a necessidade de consolidar o próprio espaço do estudante para então apresentar o conteúdo de forma que efetivamente se insira no espaço.

Por conseguinte, o grupo foi dividido em dois, onde os estudantes do 8º ano foram encaminhados à sala de aula, visando construir diálogos com mais consistências social e histórica, e os estudantes de 3º e 5º ano permaneceram na área externa da escola, para iniciar a terceira etapa das ações, que foram as pinturas murais.

Os estudantes foram instigados a propor inter-relações acerca de sua etnia, mediante intervenções dos bolsistas sobre a definição de conceitos como o de cultura (Garcia Canclini, 2009) e a sua abrangência dentro do cotidiano da aldeia. Conforme o diálogo se iniciava os estudantes apresentavam peculiaridades, que antes não eram mencionadas, por se sentirem tímidos em relação a percepção de seus modos de vida como um ato ou fazer cultural, vinculado ao patrimônio material e imaterial de sua comunidade.

Após o encerramento do momento destinado ao diálogo, sugeriu-se que todos os estudantes fizessem a leitura dos tópicos levantados sobre o debate, os quais apresentavam danças, roupas, alimentos, moradias entre outros elementos que fundamentavam as características de seu patrimônio histórico-cultural.

A partir da leitura desses elementos, os estudantes passaram a levantar hipóteses de pesquisa dentro destas temáticas, e a existência ou perda de



Figura 5 · Pintura realizada pelos estudantes das séries iniciais.
Fonte: própria (2015).

Figura 6 · Pintura realizada pelos estudantes das séries iniciais.
Fonte: própria (2015).

costumes e fazeres antes realizados e que agora sem o devido reconhecimento se perdem, pois já não são mais repassados às crianças pelos idosos, que quando morrem levam consigo, histórias, crenças e fazeres. Dentro desse questionamento, os bolsistas sugeriram que pesquisas poderiam ser realizadas visando coletar informações a respeito de sua cultura e história, transformando-as em registro visual na pintura a ser realizada na escola. Logo deu-se início à uma breve explanação por parte dos bolsistas a respeito das metodologias de pesquisa, enquanto um grupo examinava a atualidade, o outro investigava como era o passado, realizando entrevistas com pessoas de mais idade na aldeia.

Na semana seguinte, a partir da coleta de dados feita pelos estudantes indígenas, deu-se início a produção dos desenhos diretamente na parede. As pinturas realizadas pelos estudantes do 8^a ano, retrataram a forma como viam a sua aldeia, apresentando o antes e o depois. Um dos fatos a ser destacados (Figura 2) é a representação da escola indígena do passado. É possível perceber que neste caso, os estudantes relacionaram o ambiente de convivência como objeto propulsor da memória, usando do ambiente escolar para refletir sobre a realidade de seus antepassados. Importante ressaltar a presença de uma frase na sua língua materna compoendo a pintura, que diz: “o que os nossos antepassados ensinaram aqui, nós estamos aprendendo” (tradução do professor de língua kaingang da escola). A segunda pintura está vinculada à primeira, representando os objetos idealizados pelos antepassados e utilizados até a atualidade, trazendo os símbolos que identificam a origem do Kaingang: Kamê e Kanhru (Figura 3).

Os estudantes do 3^o ao 5^o ano (Figura 4, Figura 5 e Figura 6), utilizaram desenhos próprios e algumas imagens presentes no livro abordado como referência. As imagens construídas foram projetadas na parede através de projetor multimídia, para construção dos desenhos em uma escala maior, repassando-os para a parede, com o uso do lápis.

Os estudantes de 3^o e 5^o ano, não tinham receio de desenhar e pintar, faziam com certa rapidez, enquanto que os estudantes do 8^o ano, apresentavam um pouco de dificuldade em começar, porém detinham uma execução mais atenta, pensando em um bom resultado final.

Em determinados momentos da pintura foi possível observar diversas reações dos estudantes referentes ao trabalho, algumas dessas apresentavam estereótipos opostos a realidade local e foi necessário um incentivo por parte do grupo para com as crianças, permitindo que estas intensificassem sua percepção sobre si mesmas e sobre seu meio. Conforme Barbosa (2009: 18) “(...) a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização,

inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence”. As pinturas realizadas pelas crianças representavam o cotidiano Kaingang em relação à brincadeiras, onde pode-se visualizar elementos de sua cultura e referências obtidas a partir do livro que fora contado a história, bem como das obras do artista apresentado.

Nos encontros, os acadêmicos apresentaram-se aos estudantes indígenas como educadores e também estudantes, permitindo a constante troca de experiências e vivências. Assim, possibilitou uma reflexão significativa acerca da cultura indígena, empoderando-os, conduzindo à uma ressignificação consciente desta memória, realizadas pelos detentores dessa cultura. O que possibilitou, uma reflexão significativa acerca de seus próprios costumes e crenças, valorizando-os, trazendo sentido as mesmas dentro da escola enquanto conhecimento de toda a sua comunidade.

Considerações acerca das ações desenvolvidas

Os primeiros momentos da oficina trouxeram um grande impacto aos bolsistas, uma vez que se tratava de uma realidade desconhecida e repleta de estereótipos preconcebidos. O planejamento das atividades, por vezes foi questionado, a partir das novas descobertas perante os estudantes. As ações acarretaram um grande acúmulo de novas experiências que fomentaram a formação docente do grupo de bolsistas.

Ressalta-se aqui a turma de adolescentes os quais realizaram pesquisa acerca de seu patrimônio histórico-cultural, e que relatou que as atividades foram de suma importância para o despertar em favor de sua cultura, e perceber-se como parte dela. Além disto, notou-se que a atividade diferenciada, com materiais e suportes, foi recebida e realizada com muita motivação, despertando novos olhares e reflexões sobre o assunto em meio aos estudantes.

O intuito da oficina para os bolsistas foi o de estimular traços da cultura/etnia Kaingang dentro da própria comunidade, não agindo como detentores do saber, mas sim como propositores das ações, percebeu-se como os estereótipos estão presentes, e quanto caminho ainda temos que percorrer para promover uma educação verdadeiramente interdisciplinar, intercultural e humana.

Referências

- Barbosa, Ana Mae Tavares Bastos. (2009) *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e os novos tempos*. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva,
- Barbosa, Ana Mae (2002) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez.
- Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental (1998) *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF.
- Benvenuti, Juçara; Bergamaschi, Maria Aparecida & Marques, Tania B.I (Org.). (2003) *Educação indígena sob o ponto de vista de seus protagonistas*. Porto Alegre: UFRGS, Evangraf.
- Candido Portinari. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/>. Acesso em 30/03/2016.
- Demitruck, H. & Piovezana, L. (2015) *Joaquim Toco e amigos na terra de Gãr: crônicas do cotidiano Kaingang = Gãr jamã tá Joaquim Ror Kar ti mré: Kanhgág jykre to veme*. Ed. Brasília DF: Ministério Público Federal.
- Lisboa, João Francisco Kleba. (2010). "As múltiplas faces do estado para os kaingang do oeste de Santa Catarina". *Cadernos do CEOM*, Chapecó, SC, v.23, n.32, jun. p. 163-182.
- Ferraz, Maria & Fusari, Maria. *Metodologia do ensino da arte*. 2. Ed. Cortez, 1993, 9-124
- García Canclini, Nestor (2009). *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ — Universidade Federal do Rio de Janeiro,
- Nötzold, A. L. (2015) "Percepções dos usos de produções didáticas em uma escola Kaingang". *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 17, n. 34, jan/abr. p. 21-35.
- Ramos, Alcilda Rita (1988) *Sociedades indígenas*. 2ed. São Paulo: Ática.
- Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. (1998) *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Temas Multidisciplinares*. –Florianópolis: COGEN.